

movimento do século XX é que a cartografia alternativa iniciou-se como forma contestadora e de criação coletiva. Guy Debord, seu precursor, pensava a sociedade em sua totalidade, mais especialmente preocupado com a questão da aparência ter se tornado, a seu ver, mais importante que a questão real de conteúdo. Em seu livro, *A Sociedade do Espetáculo*, reflete sobre as mudanças de seu tempo:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social levou, na definição de toda a realização humana, a uma evidente degradação do ser em ter. A fase presente da ocupação total da vida social em busca da acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do ter e do parecer, deforma que todo o 'ter' efetivo perde o seu prestígio imediato e a sua função última. Assim, toda a realidade individual se tornou social e diretamente dependente do poderio social obtido. Somente naquilo que ela não é, lhe é permitido aparecer [38].

Fica evidente para ele que a circulação humana é considerada como consumo, e que é, na verdade, um subproduto da circulação de mercadorias. O ato de conhecer os lugares reduziu-se no turismo, fundamentalmente reduzido à distração de ir ver o que já se tornou banal. Não há exploração nem descobertas. "A ordenação econômica dos frequentadores de lugares diferentes é por si só a garantia da sua pasteurização. A mesma modernização que retirou da viagem o tempo, retirou-lhe também a realidade do espaço" [39].

A sociedade, na visão situacionista, modela tudo o que a rodeia, assim como ao seu próprio território. O urbanismo nada mais é que a tomada do meio ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver-se em sua lógica de dominação absoluta, refaz o espaço como seu próprio cenário.

Quando a sociedade perde a comunidade do mito, perde também todas as referências de uma linguagem realmente comum no momento em que a cisão da comunidade inativa é superada pelo acesso à comunidade histórica real. A arte, que foi essa linguagem comum da inação social, no momento em que ela se constitui em arte independente no sentido moderno, emerge do seu primeiro universo religioso e torna-se produção individual de obras separadas, a saber, o movimento que domina a história do conjunto da cultura separada. A sua afirmação independente é o começo da sua dissolução [40].

A cartografia dos afetos, de Deleuze e Guattari, é um método para o conhecimento e o desvendar de uma experiência. Refere-se ao traçado de mapas processuais de um território existencial. É o conceito do mapa filosófico. Para eles:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação [21].

Quando se pensa em cartografia nas artes visuais, as estratégias situacionistas são referências importantes para se pensar uma relação singular e crítica com o espaço, com as instituições e com o cotidiano. Problematicam a cidade, o urbano, a arquitetura, a vida cotidiana, e constituem práticas coletivas de criação artística como exercício de novos modos de experienciar os espaços urbanos.

O termo psicogeografia, sugerido por um iletrado Kabyle para designar o conjunto de fenômenos que alguns de nós investigávamos no verão de 1953, não parece demasiado impróprio. Não contradiz a perspectiva materialista dos acontecimentos da vida e do pensamento provocados pela natureza objetiva. A geografia, por exemplo, trata da ação determinante das forças naturais gerais, como a composição dos solos ou as condições climáticas, sobre as estruturas econômicas de uma sociedade e, por consequência, da concepção que esta possa criar do mundo. A psicogeografia se propunha o estudo das leis precisas e dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente organizado ou não, em função de sua influência direta sobre o comportamento afetivo dos indivíduos. O adjetivo psicogeográfico, que conserva uma incerteza bastante agradável, pode então ser aplicado as descobertas feitas por esse tipo de investigação, aos resultados de sua influência sobre os sentimentos humanos, e inclusive de maneira geral a toda situação ou conduta que pareça revelar o mesmo espírito de descobrimento [38].

A psicogeografia trabalha com conceitos da geografia urbana. Ainda assim, pode ser bem humorada e não necessariamente ser meio de